

Feira de Caruaru, patrimônio Cultural brasileiro

O Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, reunido hoje, dia 7 de dezembro, em Santos (SP), aprovou o pedido de registro da Feira de Caruaru (PE) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. A feira foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares, destinado a englobar locais que, independentes de valor arquitetônico, urbanístico, estético ou paisagístico, constituem suportes fundamentais para a continuidade das práticas e atividades que abrigam.

O pedido de registro da Feira de Caruaru foi entregue ao Iphan pela Prefeitura Municipal de Caruaru, em 2004, quando se iniciou o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC no local. O INRC é uma metodologia desenvolvida pelo Iphan para documentar aspectos da vida social que podem ser considerados referências de identidade para um grupo ou uma comunidade. O conceito de referência cultural, como objeto de preservação do Estado, diz respeito a representações que configuram uma identidade da região para seus habitantes.

O registro da Feira de Caruaru como patrimônio imaterial brasileiro se destina a proteger a dimensão desse espaço sócio-cultural, onde se movimenta entre 20 e 40 milhões por semana, na baixa e na alta estação. Esse lugar apontado como objeto de registro pelo Iphan, corresponde, hoje, a um conjunto de equipamentos e feiras formado pela Feira do Gado; pela Feira do Artesanato, aí incluído o Museu do Cordel – ponto de exposição, produção e reprodução de expressões artísticas populares; pelos Mercados da Carne e da Farinha situados no Parque 18 de Maio; e pela chamada Feira Livre com todas as suas “feiras” ou subdivisões, inclusive a das confecções populares e a chamada “feira” do Troca-Troca. Outros bens associados à feira Caruaru e arrolados no inventário, como o Museu da Feira, instalado no prédio do antigo Mercado da Farinha no centro de Caruaru, deverão ser objeto de iniciativas específicas de preservação por meio de tombamento.

A salvaguarda da Feira de Caruaru também compreende a identificação de seus problemas sócio-espaciais, como o crescimento desordenado da feira, que se ampliou em quase cinco vezes nos últimos vinte anos. Outro ponto preocupante é a ocupação dos espaços de acesso à feira e de vias públicas de Caruaru por feirantes denominados “invasores”, que, na alta estação de vendas, chegam a somar 10 mil. Essas questões apontam para a necessidade de melhorias urgentes no sistema de planejamento, gestão, controle e fiscalização do conjunto de feiras da cidade de Caruaru, de modo a se evitar a atratividade excessiva desse conjunto e um crescimento e uma apropriação de espaços descontrolados, o que poderá vir a comprometer seu desempenho e sustentabilidade no longo prazo.

A feira e sua cidade: a história do bem cultural

A transformação da antiga Fazenda Caruru, ainda no século 18, em ponto de apoio e de pernoite de boiadeiros e, em seguida, de tropeiros e mascates que percorriam o agreste pernambucano permitiu o surgimento do pequeno comércio de itens e serviços ligados à lida com o gado que deu origem à Feira de Caruaru. Foi em torno da feira que se construiu a cidade. O lugar cresceu em importância com a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em 1781, o que fez da região um atrativo para os habitantes dos arredores, interessados em cumprir suas obrigações religiosas.

As festas religiosas, especialmente as realizadas em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, a padroeira do lugar, foram também importantes fatores impulsionadores da

feira e do desenvolvimento da cidade. Não é por acaso que a idéia de festa está na origem latina da própria palavra “feira”.

Tudo isso favoreceu o rápido crescimento da feira de Caruaru que, por sua vez, impulsionou o comércio formal da cidade, mantendo com este, desde então, uma relação de complementaridade e simbiose. Ao longo dos séculos 19 e 20, com sua acessibilidade reforçada pela estrada de ferro da Rede Ferroviária do Norte, e mais tarde, pelas rodovias estaduais e federais que a conectaram com várias outras localidades e estados do Nordeste, Caruaru se tornou o pólo comercial mais importante da região. No século 21, esse pólo manteve sua importância, atraindo produtos de outras regiões do país e até de outras partes do mundo.

A feira de Caruaru sempre foi, e ainda é a grande oportunidade de trabalho, geração de renda e de inclusão no mercado consumidor para um grande contingente populacional, o que lhe conferiu uma capacidade de atração impressionante e ocasionou o seu crescimento desmedido. Com o tempo, cresceram também as pressões para que fosse transferida, já que a área central de Caruaru ficava intransitável nos dias em que ocorria.

Apoiada pelos comerciantes locais, a prefeitura da cidade iniciou então, com a participação dos feirantes, um trabalho planejado e gradual de transferência da feira para o Parque 18 de Maio, antigo Campo de Monta – área próxima ao centro, pertencente ao Ministério da Agricultura, que era utilizada como local para reprodução de gado. A feira de Caruaru que, até então, mantinha um nível de crescimento mais ou menos constante, explodiu e deu lugar a novas feiras.

A Feira de Caruaru como referência cultural

A transferência da feira para o Parque 18 de Maio atribuiu a ela um caráter permanente: a feira funciona de segunda a sábado. Isso também permitiu que ela crescesse e incorporasse outras feiras que atualmente se instalam no local. A feira ainda mantém o seu caráter de um lugar de criação e de exposição da criatividade popular tanto em seus aspectos tradicionais como em sua capacidade de recriação, invenção e inovação. Puxando o fio da tradição e reinventando-se cotidianamente estão lá as figuras e conjuntos esculpidos em barro que consagraram a feira; os brinquedos de madeira; o design sofisticado dos funis, bacias, regadores e leiteiras de folha de flandres; as sandálias, chapéus e bolsas de couro e a cestaria; as redes, mantas e bruxas de pano e os tecidos bordados.

Essa criatividade que parece sem limites em sua capacidade de adaptação encontra-se também no setor de confecções da feira de Caruaru, onde “grifes” populares, criadas por estilistas da região, competem de igual para igual com as grandes marcas que estão nos shoppings. A feira, porém, mantém profundo vínculo com um tipo específico de consumidor de baixa renda. Nas terças feiras, essas grifes promovem sua própria feira itinerante – a Sulanca.

Embora todo o tempo tenha incorporado novos produtos – muitos dos quais vindos de outras partes de Pernambuco, do Nordeste e, atualmente, de outras regiões e países – a feira continuou sendo um espaço onde saberes, ofícios, modos de fazer e expressões tradicionais encontram mercado e, conseqüentemente, condições de permanência. Saberes relacionados à medicina popular e ao conhecimento dos usos de ervas e plantas; ofícios relativos à confecção de utensílios e objetos de flandres, de couro, de barro, de pano tecido à mão, de palha, de vime; modos artesanais de fazer farinha, gomas, doces, bolos e outras comidas nordestinas; produtos como o fumo de rolo; criações e expressões artísticas populares como o artesanato figurativo de barro, o cordel, as bandas de pífanos, a poesia, a música e o canto

dos emboladores e repentistas encontram, ainda, na feira de Caruaru um espaço importante para continuarem existindo e se reproduzindo.

São, portanto, os valores históricos, memoriais, culturais e econômicos atribuídos à feira de Caruaru que permitem delimitá-la como o objeto de registro. Como consta do extenso dossiê preparado pela equipe da Superintendência Regional do Iphan, em Pernambuco, esses valores estão presentes no vínculo espacial e funcional da feira com área central da cidade; nos produtos artesanais que ali são comercializados e, eventualmente, confeccionados; nos saberes e conhecimentos tradicionais que esses produtos mobilizam, como o que orienta o uso de ervas e propicia o exercício da medicina popular; nas expressões artísticas que a feira abriga e enseja; nas memórias que evoca; na gastronomia típica do nordeste a que ali se tem acesso; na variedade dos produtos agrícolas regionais que nela encontram mercado e fomentam a preservação de sistemas agrícolas tradicionais; na criatividade contida em muitos produtos e também no modo como se comercia. “Em suma, a feira como um Lugar que abriga tudo isso e que reverbera como referência para além da cidade, do estado e da região onde está”, explica Márcia Sant’Anna, diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan.